

Bomba!!!!:

MR e FH são a mesma pessoa

MAURO RASI

Que dizer dos candidatos? Com a maioria, não tenho nenhuma afinidade, alguns me causam, inclusive, horror!

Almirante Fortuna é nome de rua — sem saída.

Enéas é o Rui Barbosa dos sátiros — só falta a flautinha. Atrás do amor obsessivo às flores do Lácio, incultas e belas — dizem que Bilac está encostado nele! — e da reforma ortográfica que pretende restituir novamen-

te o "ph" em "pharmácia" e "telephone" esconde-se o seu principal objetivo: a construção do Grande Brasil, cujo pontapé inicial será a invasão da Polônia, digo, do Uruguai. É a versão "produção independente" de "O grande ditador" — sem Chaplin, naturalmente. Já o fantoche do PRN não passa de uma protofonia pior ainda que a do seu homônimo e literalmente executada.

Esperidião Amin, se puser um chapéu, uma capa e uns óculos, vira um agente da Gestapo, aqueles de "Casablanca" — embora haja quem garanta que ele é um peru, daqueles que já vêm temperado e com termômetro dentro — é só pôr no forno e servir. Dizem que com rodela de abacaxi ou fios de ovos é muito saboroso, mas eu confesso que nunca experimentei.

Quanto a Quêrcia... alguém viu a minha carteira?

Brizola nunca conseguiu penetrar em São Paulo. Por mais que faça declarações de amor ao Rio Tietê e aos bandeirantes, seria mais fácil o Perón chegar até Bauru do que ele — mesmo embalsamado. E depois papai era da UDN... já viram, né, a consideração que se tinha pelo caudilho lá em casa — pior que na casa do Lacerda.

Curioso! É mais fácil para mim pegar no pé do meu candidato do que por exemplo falar do Lula. Sinto-me inibido, pisando em ovos, parecendo a Benedita quando ouve um tamborim: fica doida pra cair no samba, mas tem que se conter e bancar a inglesa porque a sua religião

não permite.

Tenho pudor de falar do Lula, um certo purismo. A maioria dos meus amigos queridos é petista, sempre tão elegantes comigo — nunca me constrangeram ou cobraram pelas minhas "heresias" — há muito de religioso no respeito, em tantos aspectos merecido, dispensado ao torneiro mecânico que "ousa" disputar a presidência da República — Lula representa uma culpa social bem explorada — fora o fato de se identificarem com os primeiros cristãos — Paulo de Tarso possivelmente teria dado

uma entrevista semelhante à revista espanhola "Cambio 16".

Já com FHC dá pra pegar pesado. Há algo de profundamente democrático nisso — ou de suicida. É mais fácil criticá-lo pela intimidade que sinto por ele, embora eu seja da geração da Cláudia Abreu... Lemos os mesmos livros — quando fiz 12 anos uma tia me deu "O muro" de presente de aniversário — foi horrível! — e ainda me arrastou pra Araraquara pra ver o casal Sartre/Simone fazer a apologia da revolução cubana. Mas acho que tia estava mais interessada em copiar o modelo do turbante de Simone, que introduziu, com sucesso, nos círculos intelectuais de Bauru.

Naturalmente FHC estava lá, junto com o Jorge Amado, o Zé

Celso... Dizem que ele mudou muito de Araraquara pra cá e que reviu as suas posições. Todos mudamos: Fidel acusou Sartre, seu antigo defensor, de ser "agente da CIA", Simone escreveu cartas protestando contra o tratamento dispensado aos homossexuais na ilha e tia na última eleição votou no Collor. C'est la vie...

Vimos os mesmos filmes — tenho a impressão de tê-lo visto na avant-première de "Deus e o diabo na terra do sol", no cine Windsor, em São Paulo; ou teria sido na de "Uma mulher para dois" — título brasileiro, então, para "Jules et Jim"? Dividimos Jeanne Moreau, porque, mesmo morando em Bauru, eu estava



Ilustração de Hippert feita sobre fotos digitalizadas dos candidatos

“Enéas é o Rui Barbosa dos sátiros”

“Almirante Fortuna é nome de rua sem saída”

“Se puser capa, Amin vira agente da Gestapo”

“É mais fácil Perón chegar a Bauru do que o Brizola”

“Quanto a Quêrcia... Alguém viu minha carteira?”

sempre ligado “no que não prestava” — como dizia mamãe — dava sempre um jeito de estar perto do galo na hora que ele fosse cantar. Não iria — jamais! — ao “Programa legal” aplaudir o Enéas. Isso, nunca!

Assistimos às mesmas peças: “Os pequenos burgueses”, “Are-na conta Zumbi”, o show “Opinião”, “O rei da vela”!! Ouvimos as mesmas músicas — acho, inclusive, FHC muito mais pra Chico do que pra Caetano, tem mais a ver com a sua biografia. Não o conheço pessoalmente. Embora muito provavelmente a gente tenha se cruzado na Maria Antônia. Só se falava nela: “Foi na Maria Antônia? Vai na Maria Antônia? Te vejo na Maria Antônia etc.”. Tudo acontecia na Ma-

ria Antônia nos idos de 60, em São Paulo. Mas quem era essa Maria Antônia? Até em Bauru sua fama havia chegado. Eu tava louco pra conhecê-la. Um dia fui visitar o Jorge Mautner — que na época era o Bob Dylan de São Paulo, meu guru e o de muito gente — “Tô indo pra Maria Antônia, quer ir?” Foi como se tivesse sido convidado para ir ao Palácio de Buckingham! — convite este que na época eu certamente teria recusado — “Imagine, me misturar com a rainha...” Finalmente iria conhecer essa hostess maravilhosa de quem todo mundo falava e que devia ter uma casa imensa, pra caber tanta gente. Já pensou voltar pra Bauru e dizer que estive na Maria Antônia!? Aí que descobri

que Maria Antônia era uma rua — das faculdades Mackenzie e USP! Quando vi já estava metido no meio de uma batalha, todo mundo correndo, gritando, trocando coquetéis Molotov, a polícia jogando bombas de gás lacrimogêneo... FHC também deve ter chorado, como eu, na Maria Antônia.

Estivemos “juntos” novamente em Paris: eu vagabundeando pelo Quartier Latin, ele dando aulas na Sorbonne — se tivesse esbarrado com ele no Odeon teria pedido dinheiro emprestado. Sem nunca sequer termos apertado as mãos compartilhamos de tantas coisas, nossas histórias se entrelaçam de tal forma que... acho que vou acabar votando em mim mesmo.